



ASSINE JÁ DELIVERY X FALE CONOSCO



CONTEÚDO

- ☐ Noticiário OnLine
- ☐ Revista Época
- ☐ Melhores capas
- ☐ Edições anteriores
- ☐ Edições especiais

CANAIS

- ☐ @'s da Edição
- ☐ Pesquisa escolar
- ☐ Copa do Mundo
- ☐ Joyce Pascowitch
- ☐ Saúde
- ☐ Mundo digital
- ☐ Turismo

BOLETIM

Receba as notícias de Época OnLine (Digite seu e-mail)

ok

SERVIÇOS

- ☐ Fale Conosco
- ☐ Expediente
- ☐ Anuncie
- ☐ Assine já

REVISTAS

- ☐ PEGN
- ☐ Globo Rural
- ☐ Marie Claire
- ☐ Criativa
- ☐ AutoEsporte
- ☐ Galileu
- ☐ Casa e Jardim
- ☐ Crescer
- ☐ QUEM
- ☐ Infantis
- ☐ NET TV

SOCIEDADE

REPRODUÇÃO HUMANA

Dilemas éticos na fábrica da vida

Casais hesitam sobre o que fazer dos embriões guardados em clínicas de fertilização

A psicóloga Maria Aparecida Crepaldi fez tratamento para engravidar em uma clínica em Paris, em 1996. Grávida do primeiro filho, voltou ao Brasil com uma bagagem singular: uma caixa térmica com quatro embriões congelados. Sobras da fertilização in vitro, são aglomerados de células, frutos do desenvolvimento de óvulos fecundados. Se forem transferidos para o útero, podem dar origem a uma criança. "Não resolvi se quero ter outros filhos, mas é uma possibilidade", diz a psicóloga. Os embriões estão guardados no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Maria Aparecida pensa em doá-los a um casal infértil, mas não se decidiu. "É estranha a idéia de alguém com a carinha do meu filho nascer de outro útero."

Há 78 clínicas de fertilização no Brasil. 38% dos clientes têm embriões congelados

No Brasil, centenas de famílias enfrentam hoje o mesmo dilema ético: o que fazer com embriões remanescentes. A decisão é difícil. Um casal tratado na Clínica Dale, no Rio de Janeiro, optou por destruir o material congelado. Pais de gêmeos de proveta, não queriam ter mais filhos. Pediram de volta os três embriões não utilizados. Lançaram-nos ao mar, depois de uma cerimônia íntima, na Pedra do Arpoador, em Ipanema. Carla Priscila de Lucca, de Santos, no litoral paulista, preferiu doar seus embriões para pesquisas científicas. Teve três filhos – dois por fertilização in vitro e um, surpreendentemente, por meio natural. "As pessoas que gostam de julgar o que é certo ou errado jamais enfrentaram essa situação", afirma. "Eu não iria deixar os embriões lá, congelados por dezenas de anos." Eles serão usados para estudos científicos que aperfeiçoarão o tratamento – um dos vários oferecidos no campo da reprodução assistida.

Doações são cada vez mais frequentes. No Hospital Albert Einstein, dois casais inférteis tiveram filhos graças a embriões cedidos. Essa solução, no entanto, depende da autorização dos pais biológicos, o que é muito raro. "Metade dos pacientes que passam pelo tratamento nunca mais dá notícias", conclui Dirceu Henrique Pereira, diretor da clínica Profert, em São Paulo.

Quatro em cada dez casais que se submetem à fertilização in vitro deixam embriões congelados na clínica. No início do tratamento, a mulher toma remédios que estimulam a ovulação. Se estiver na faixa dos 30 anos, produzirá até 25 óvulos, que são retirados e fecundados, em laboratório. Os quatro embriões mais saudáveis são transferidos para o útero da paciente, que terá 34% de chance de engravidar. Os demais ficam congelados. Serão usados numa segunda tentativa, caso a gravidez não vingue ou para ter outros filhos, mais tarde. Hoje, há 78 clínicas de fertilização in vitro no país. As mais

SITES GLOBO

- ⌘ Editora Globo
- ⌘ TV Globo
- ⌘ Rádio CBN
- ⌘ GloboNews.com
- ⌘ O Globo On Line
- ⌘ Diário de S. Paulo



movimentadas, como a do médico Roger Abdelmassih, em São Paulo, chegam a atender até 1.000 casais por ano. Grandes centros, como o Hospital Albert Einstein, acumulam 800 embriões congelados em tambores de nitrogênio líquido, a 140 graus Celsius negativos.

Os tambores de nitrogênio tornam-se um problema para clínicas e hospitais. O que fazer com os embriões se o casal morre, se separa ou simplesmente desaparece e deixa de pagar a taxa de manutenção? Na falta de lei específica, as clínicas seguem uma norma do Conselho Federal de Medicina que proíbe o descarte dos embriões. "Eliminá-los é como assassinar alguém", diz o senador Roberto Requião (PMDB-PR), relator de um projeto de lei sobre o tema. Requião compara o uso dos embriões em pesquisas científicas às experiências com eugenia, encomendadas pelo nazismo, com o propósito de depurar raças. Os médicos discordam. "São apenas células que podem ou não ser implantadas no útero e dar início a uma gravidez", afirma o ginecologista Luiz Fernando Dale. Alguns médicos transferem os embriões para o útero da paciente na véspera da menstruação. "Assim, eles são eliminados naturalmente. Isso evita o dilema ético", explica Pereira, da Profert.

Embriões podem ficar congelados por centenas de anos. Em abril de 1997, uma criança americana nasceu depois de o embrião passar dez anos num tambor de nitrogênio líquido. O governo inglês decidiu que o material não pode ficar guardado por mais de cinco anos, a menos que os pais expressem o desejo de preservá-los. No dia 1o de agosto de 1996, mais de 3 mil embriões abandonados foram destruídos no Reino Unido. No Brasil, três projetos de lei tramitam no Congresso. Um deles, cujo relator é o senador Requião, torna inviável o congelamento. Estabelece que o médico só pode produzir quatro embriões e transferi-los para o útero, sem deixar sobras. Os especialistas reagem. "Isso reduz a chance de um tratamento bem-sucedido", diz Joaquim Lopes, da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana. A nova lei atrapalharia a vida de mulheres como a empresária Sandra Grotkowski, de São Paulo. Ela engravidou na segunda tentativa, quando recebeu dois embriões congelados. "Se não tivesse sobrado, teria de passar por um tratamento desgastante para estimular a ovulação outra vez", argumenta.

O impasse tende a aumentar com a popularização dos tratamentos de fertilidade. A técnica já não está restrita às grandes cidades. O ginecologista Artur Dzik, diretor do Lab Fert, em São Paulo, montou um laboratório móvel em uma van. Viaja para atender pacientes no interior do Estado.

Casos extremos começam a surgir. O ginecologista e obstetra Jules White, diretor do Huntington Centro de Medicina Reprodutiva, em Vitória, no Espírito Santo, encara um problema. Estão sob sua guarda três embriões congelados que pertencem a um casal capixaba, que se separou e há dois anos não aparecia na clínica. Agora, a paciente quer que os embriões sejam transferidos para seu útero. Ela se casou outra vez e chegou a adotar um menino, mas não desistiu de gestar o próprio filho. O ex-marido, "pai" dos embriões, não concorda. A disputa está na Justiça. "O médico não pode tomar partido na briga", afirma White, enquanto aguarda a decisão de um juiz.

Quando a vida nasce em laboratório **Como são produzidos os embriões humanos no método da fertilização in vitro**

Fecundação

Nos laboratórios de fertilização in vitro, colhem-se amostras de sêmen e alguns óvulos. Com o auxílio de uma agulha microscópica, somente um espermatozóide é introduzido em cada óvulo, para fecundá-lo

União

Cerca de 24 horas depois, o material genético do espermatozóide e o do óvulo se aproximam, gerando uma célula com dois pronúcleos. Eles se unem em seguida, formando uma célula com um núcleo: o embrião

Multiplicação

A célula inicial multiplica-se e o embrião cresce. Três dias após a

fecundação, ele tem oito células. Com seis dias, são centenas. É nessa fase que o embrião é transferido para o útero materno ou congelado para uma gravidez futura

Alexandre Mansur

[Volta ao Sumário](#)

Copyright 1998-2002 © Editora Globo S.A. - [Termos legais](#)

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora Globo.